



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

O MENINO PERDIDO

Novela infantil por
Augusto de Santa Rita

Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

NOTA DO AUTOR — Esta novela, de contextura por vezes dramática, embora escrita numa linguagem que suponho acessível a todas as crianças, é, todavia, apenas destinada daquelas cuja idade não seja inferior a doze anos. Para as outras, mais pequeninas, brevemente incluiremos curtas historietas, de ingénuo e simples entrec.

PRÓLOGO

Desgraça sobre desgraça



É MOLEIRO vivia com sua filha, a Rosa, recentemente viuva do Ti Tónio Gido, cavador de enxada, que fôra um moço sadio, morto na Grande Guerra.

Casado havia apenas, um ano, deixara um filho de um mês quando fôra obrigado a incorporar-se no C. E. P. — (corpo expedicionário português) — ao encontro dos «boches» inimigos.

Rosinha, que tanto amara o marido e com êle fôra feliz em companhia do pai, a-pesar-de lhe haver morrido a mãe quando da colô ainda, só começara a ser infeliz desde a sua partida. Desgraça sobre desgraça, logo, ao regressar do pequenino apeadeiro da sua aldeia, por manhã invernosa, onde o pai do seu pequerrucho, quasi recém-nascido,

(Continua na página 3)



...lhe dissera o último adeus...



Antevésperas de partida

por Maria Branco

Desenhos de Castañe



ÉBÉ Joanico, partirá brevemente para a praia. Que alegria!

Tôdo o ano aferrolhado adentro daquele casarão solarengo, saltitando, só de quando em vez, pelo jardimzinho arruado de vetustos buxos e emaranhadas rose iras.

Agora, como nos anos anteriores, permitir-lhe-iam certas diabruras, tais como cabriolar, molhar-se, remexer na areia.

Que bom! Que bom!

Mas porque tinha o mar o condão de quebrar as intrangências da tia-avó?

Porque era tão limitado o tempo em que livremente gozava da sua infância em flôr?



E Joanico ficava-se longo tempo a pensar, não se poupando em imaginação a tôda a série de conjecturas. Albertina, a filha do cocheiro vem ajudar a arrumar os brinquedos que acompanharão Joanico nas suas férias.



O barco de véla, o gasolina, o navio, a caixa dos soldados, outros de diferentes feitios e coloridos...

Joanico, insaciável, não descança de acarretar.

O palhaço de engonço, as ferramentas, os jogos dos mosaicos, as arcas de Noé, a vaca leiteira, o comboio e o carro electrico.

Fatigado, vai debruçar-se à janela, donde se descobre o panorama da pequena cidade provinciana.

Entretanto Albertina, com meia dúzia de bonecos entulhara a pequena malinhá de mão.

Joanico indignado.

— E onde vai o resto?

— Não cabe mais nada, menino.

— Porquê?! insistem, persistentes, os quatro anos de Joanico.

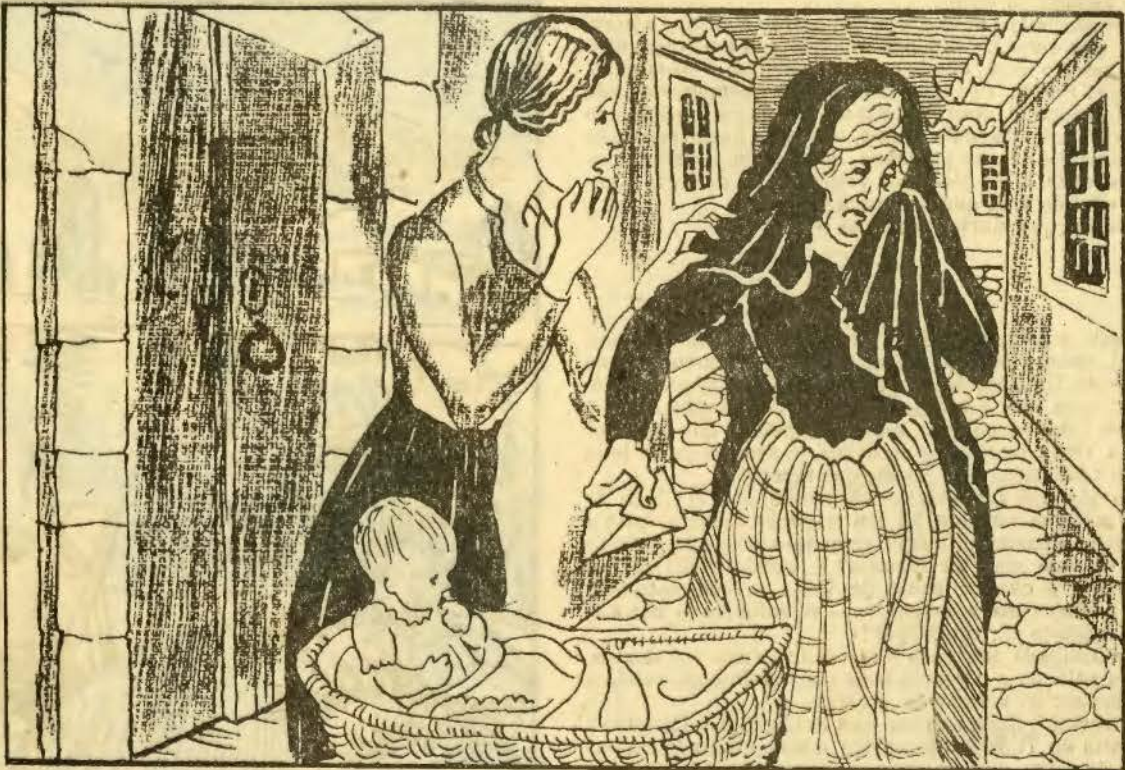
— Não vê o tamanho da mala?

— Isso não é uma razão, respondeu Joanico.

Olha cá. Vês, além, o palácio do tio Francisco? Ali a Sé? Lá adiante o quartel? Ao fundo a Várzea? E por cima de nós o céu infinito, o firmamento sem fim?

Como te cabe tudo isto nos teus olhinhos tão pequenos!

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■



—«Que sucedeu, Ti' Rosária

Continuação da página 1)

lhe dissera o último adeus, entre a chusma dos companheiros, serranos e magalas como êle, viera dar com o moinho partido, duas pás derrubadas, que levaram um «rôr» d'horas a consertar.

Desde então, nunca mais a mó funcionou como dantes. Assim que o temporal aumentava de fúria, logo o açude fazia de novo estoirar o grosso arame que sustentava as pás partidas, ao mesmo tempo que o vento levava as pragas que o pobre Ti'Zé Moleiro soltava constantemente: — «Má-raios, má-raios... T'arrenego, diabol...»

Certa manhã, decorridos dois meses, enquanto o pai consertava, pela décima vez, as pás dismanteladas, Rosinha, na casa pobre, pouco mais que choupana, acudia à lamúria aflitiva, à carpideira da Ti'Rosária do Adro, velha beata, rata de sacristia, que, por morte da mãe, a amamentara, e lhe trazia, agora, quando em quando notícias do seu Tónio, companheiro do neto que para França partira no mesmo dia em que êle fôra. Havia já três semanas sem carta...

«Ai, Senhora das Dores, ai Senhora das Dores!...» gritava a Tia Rosária, limpando a dobra do chale, verde-negro, o rosto macilento, enrugadinho, todo banhado em pranto.

—«Que sucedeu, Ti' Rosária?!... Vá, de pronto: — má nova?!...» interrogou a tremer e de chôfre assaltada por mau pressentimento.

—«Mocinha, mocinha!... O teu «home», o ti'Tónio...» e, estendendo uma carta, a carta do seu neto, Ti'Rosária do Adro, a gaguejar, mal já se atrevia a comunicar a nova:

—«Vá de pronto...!» gritou, fora de si, Rosinha alucinada, com esgazeado olhar:

—«Ferido?! Foi ferido ou morto?!».

E, então, abraçando-se a ela, a pobre velha, numa sufocação, entre soluços, apenas balbuciou: — «Deus o tenha no Céu!»

Ao baque do corpo inanimado de Rosa, desmaiando, e aos gritos de «acuda, acuda Ti'Zé...» — O moleiro, já informado pela Tia Rosária, da grande fatalidade,

pegou na filha, a chorar e, levando-a para casa, onde a deitou sobre a enxerga, de novo bradava o praguejante estribilho: — «Má-raios, má-raios, má-raios!...»

Decorreu mais um mês...

Era linda a Rosinha há pouco tempo ainda! E hoje... Escaveirada, pálida, olheirenta, os seus olhos azuis, embora ainda, por vezes, scintillassem e deixassem pressentir o seu antigo esplendor, tinham, agora, sempre anuviados pelo pranto, apenas a fugaz magia duma estrêla — a mais linda — reflectida num charco de água turva, estagnada.

O seu cabelo doirado, como o trigo nas eiras, agora sempre escondido na dobra do lenço negro que o luto impunha, já lhe não emoldurava o rosto tão côr-de-rosa outrora e agora tão côr-de-cera. Metia dó a Rosinha!

Sorria, apenas, ao filho, e, mesmo assim, tristemente, ao dar-lhe de mamar. Mas já o leite era pouco; quasi se lhe secára, à fôrça de desgostos e o pequenino, insatisfeito, às vezes, chorava, chorava, chorava, rabujentinho, com fome.

Dotada de uma voz prodigiosa, cujo valor nem sonhava, entoava, então, ao seu menino, cantigas de ador mecer:

Dorme, dorme, meu menino,
que teu pai foi para a guerra,
onde, por triste destino,
pelo Céu trocou a Terra.

Era tal a suavidade da sua voz, a pureza do timbre a sua virtuosidade, que dir-se-hia aclarar o espaço em seu redor, retrocederem as horas, quando, à boquinha da noite, lhe cantava:

Dorme, dorme, Anjo do Céu,
que o teu pai, segundo ouvi,
por sua Pátria morreu,
emquanto eu morro por ti!

* * *

Súbito, um grito, perto, logo seguido de angustioso

alarido, alarmou a pobre viuva, despertando a criança quási pegada no sono.

Pressentindo a nova desgraça, correu a casa, — «Jesus, Jesus, que seria?!» — depôs o pequenino no berço, dirigiu-se para o local, donde os gritos partiam: — o moinho, o açude! Porém, não teve coragem de avançar, ouvindo a exclamação piedosa de cada um que havia presenciado a horrível tragédia e que, sem nela haver reparado ou pressentido a sua presença, comentava conctrico:

- «Pobre Ti'Zé Moleiro! Triturado no açude!»
- «Pai do Céu que desgraça!...»
- «Mas que morte horrorosa!»

*
*
*

Viuva e órfã, na manhã seguinte à morte do pobre pai, após o enterro e uma noite inteira a soluçar no regaço da Tia Rosária do Adro, Rosa Gião pôs-se a pensar na vida que a esperaria agora. Sôzinha no mundo, com um filhinho no colo, única companhia que inda por cima a vinha encher de cuidados, já sem pinga de leite para o amamentar, que fazer, que fazer?!...

Tia Rosária lembrou: — «A mulher do Ti'Chico da Nora, a quem nascera há um mês uma menina, faria a esmola de amamentar o dela, enquanto Rosa não pudesse pagar a uma ama mercenária. E, condoída ao ouvir o pequenino a chorar, cheio de fome, arrebatou-lho do colo, exclamando a animá-la: — «Confia-me o teu menino. Trago-to já; vai mamar!»

— «Obrigada, obrigada!» murmurou numa voz sumida, que os soluços e o pranto inda mais abafavam, vendo-a desaparecer ao volvear da esquina.

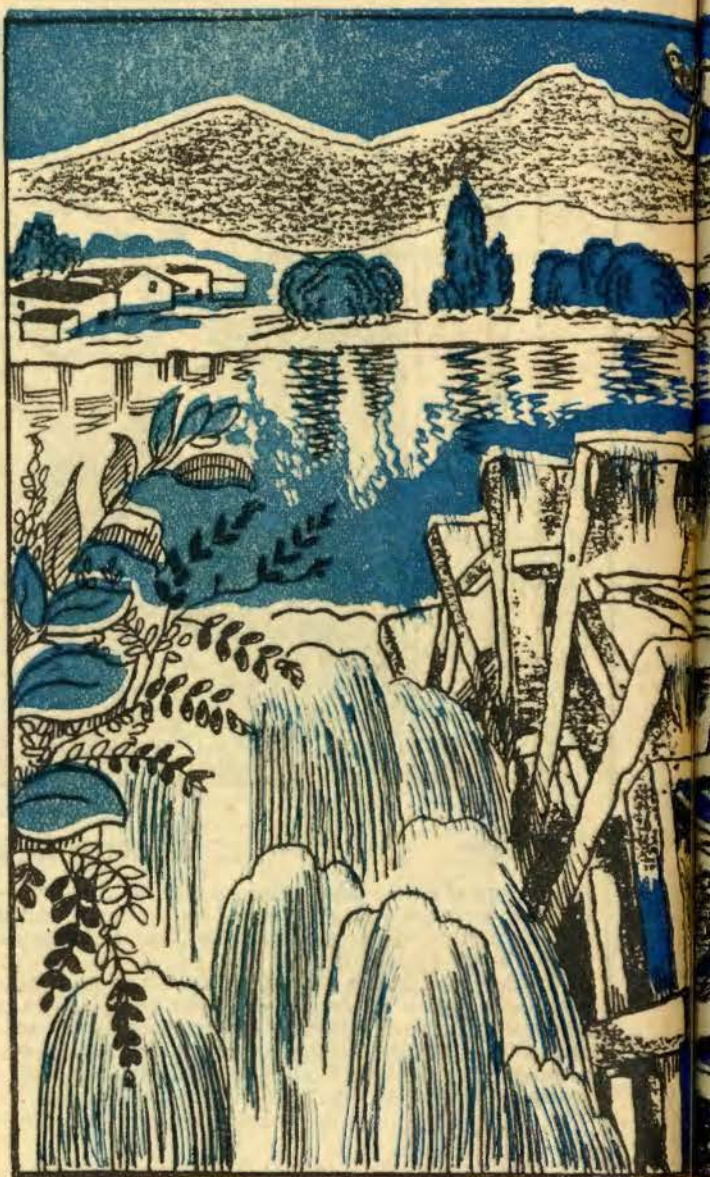
Entretanto, Rosa tomava uma deliberação. Dirigiu-se à padaria do Ti'Manel Rendeiro, o mais abastado comerciante da terra, que em tempos propuzera ao pai a compra do moinho, a propôr-lhe o negócio, embora houvesse oferecido, então, menos de um quinto do seu real valor.

Qual astuta e matreira raposa aguardando a incauta ovelhinha, feita a proposta, Ti'Manel Rendeiro, já sabedor do desastre, começou por desdenhá-la, que não queria que viesse a suceder-lhe o mesmo que ao pai dela, o bom e salidoso amigo — que Deus haja! — Que o moinho se desvalorisara desde que o vendaval dismantelara as pás.

Que, em suma, só se fôra para lhe ser agradável, pois bem calculava as dificuldades em que ela se encontraria agora. Que só muito em conta, pois já não tinha empenho. Em suma, em suma, só para valer à filha do seu verdadeiro amigo, faria o sacrifício, em suma! Que já nem



Dotada de uma voz prodigiosa



... enquanto o pai consertava, poderia

mesmo poderia dar-lhe o que oferecera em tempos mas que... se ela quizesse uns oitocentos escudos...!

E Ti'Manel Rendeiro, olhando-a de soslaio, dissimulando o empenho, gritava para dentro ao moço da padaria: — «Eh, «Jaquim», traze-me cá o rol das contas dos fregueses.»

— «Ao menos, (balbuciou Rosinha) — arredonde-me a conta: — mil, um continho de réis.»

— «Ná, ná; não me convém, não me convém!»

— «Mas o Ti'Manel ao meu pai...» — (titubeou Rosa, humildemente).

— «Disse — (proseguiu o padeiro) — um conto e duzentos, disse; mas nesse tempo o moinho não estava como está hoje! Só o que eu tenho ainda a gastar com êle! Dou-te oitocentos escudos e é só para te valer.»

Ao passar-lhe em frente, como horrível visão, a imagem do seu menino com fome, numa expressão vencida, Rosa, contrariada rematou finalmente: — «Seja assim mas depressa! A'manhã a escritura!»

— «Vou já falar ao notário...» concluiu o Ti'Manel Rendeiro, pondo um bonet de oleado e saindo da loja.

Dois minutos depois de haver chegado a casa, via Rosa aproximar-se a Ti'Rosária com o seu menino ao colo.

*
*
*

Na tarde do dia seguinte, já assinada a escritura, Rosa, de volta do notariado e portadora dos oitocentos escudos, com o seu



Uma vez; as pás dismanteladas

lhinho nos braços, passou pelo moinho, pela casinha onde fôra feliz, relanceou por tudo os olhos marejados, com uma expressão de dolorosa saudade e encaminhou-se para casa da Ti' Rosária que ficára de comprar-lhe uma cabrinha, com a qual passaria a amamentar o filho, mugindo-a e dando-lhe depois o leite por uma garrafa à laia de «biberon».

Uma semana volvida, frequente era encontrar-se Rosa, com seu lhinho nos braços, guiando uma cabrinha e vagueando ao acaso.

Já sem eira nem beira ou ramo de figueira, ora dormia aqui, ora acolá, a trôco de alguns escudos.

Certa manhã atravessando um bosque ladeado por uma estrada, entre frondoso arvoredor e um estreito rio, o prolongado silvo da locomotiva de um comboio, passando perto a toda a velocidade, fez espantar a cabrinha que, ágilmente, aos saltos, desabalou em toda correria, galgando o riacho com metro e meio de largo.

Com o fim de apanhar, Rosa depôs o filho sobre um montinho de feno, préviamente acamado. Como lhe fôsse impossível, dum salto, galgar o rio, descalçou-se e dispôs-se a atravessá-lo. Tremessou os sapatos e o saquinho de meia, contendo o produto da venda do moinho, para a margem oposta entrou para dentro da água. Súbito, dando um grito, logo reconheceu — (tarde porém) — que o riacho era mais fundo do que supunha e sentiu-se arrastada pela escachoante corrente.

Levada no curso do rio, cujas margens agora espaçavam seis metros, Rosa Gião, extenuada, continuava entretanto a gritar por socorro.

Fizera já o forçado percurso de um quilômetro e meio, aproximadamente, a debater-se com a fúria das águas sem que ninguém lhe acudisse. Repentinamente, porém, viu atirar-se ao rio um homem corpulento que, preso a um grosso cabo, cujo outro extremo amarrara a uma árvore, se dispunha a salvá-la.

Devidô à sua força hercúlea, conseguiu antepôr-se à corrente, refendo Rosa em seus braços e trazê-la para terra onde, sucumbida, quasi inanimada, mal se sustinha em pé. Contado o seu primeiro impulso foi desatar a correr, exclamando aflitivamente: — «Toninho... Toninho, Toninho!...»

Mas, como lhe faltassem as forças, ao avançar vinte passos, deixou-se cair. Voltou-se, então para o seu salvador, que a olhava intrigado, sem compreender o grande drama que se desenrolava em seu coração de mãe, e implorou-lhe que fôsse buscar o filho que inadvertidamente deixara.

Entretanto, o pobre pequenino, sentindo-se abandonado, chorava em altos berros.

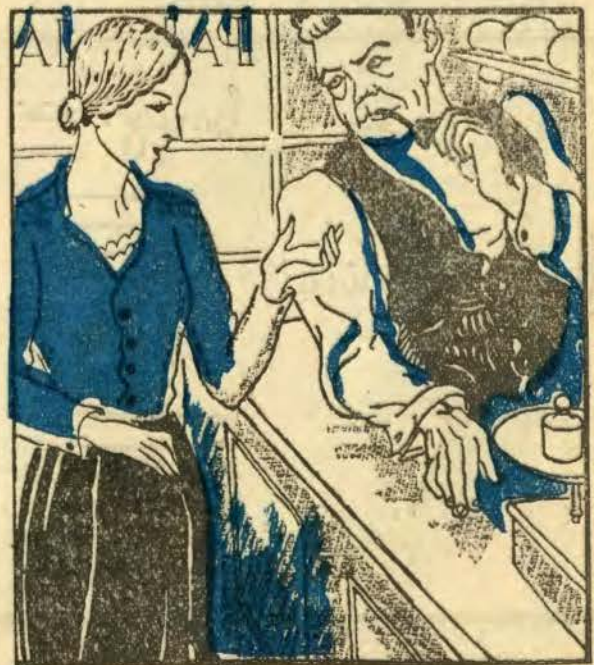
PRIMEIRA PARTE

A senhora Condessa de Olivete vivia em seu velho solar na grande quinta do Arco, assim denominada por ter à entrada, um arco monumental. Vivia só com seus netos Jorginho e Fina — (um menino de três anos e uma menina de dois) — além do numeroso pessoal da quinta, Frei Beato, capelão-mordômo, D. Ana, a velha governanta, Manuel, cozinheiro, Marta e Maria, criadas, o feitor Miguel, sua mulher Bernarda, e os trabalhadores da malta.

Frondoso parque enrentava o solar, cujas trazéiras davam para a grande quinta, constituída por horta e grande pomar, vinha, lavoura, etc., num nível inferior ao do solar e do parque.

Era, pois, na parte baixa da grande propriedade, que ficavam situados o vasto tanque e o grande pòço da quinta, estábulos, adega, capoeiras, garage, casas da malta e a pequenina habitação do feitor, sempre muito asseada.

O papá e a mamã de Jorginho e de Fina, haviam morrido há seis meses, vitimados pela grande epidemia conhecida por pneumónica e que, embora quasi debelada, estava



— «Ná, ná; não me convém...»



ainda fazendo algumas vítimas, principalmente em Lisboa.

O feitor Miguel e sua mulher Bernarda, encarregada de cuidar da criação da quinta, eram bastante amigos, vivendo relativamente felizes, sentindo apenas a mágoa de não terem um filho.

Nas suas cinco claras divisões da pequenina casa em que viviam, Bernarda cirandava tódo o dia, no arranjo do seu

lar, com pequenas interrupções: — as de cuidar dos porcos, das vacas, galinhas, pintos, etc.

No niquelado despertador, em cima duma prateleirinha, entre maçãs cameeças, abóboras e outros frutos, soávam, agora as doze badaladas do meio-dia.

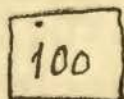
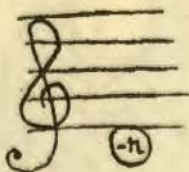
Costurando na pequenina saleta em que passava grande parte do dia, Bernarda olhava, quando em quando, para o portão da quinta, portão gradeado, através do qual se divisava a longa fita da estrada por onde o seu Miguel partira, às cinco da madrugada, numa «camionette», caminho da grande feira anual, conhecida por feira de Alcoutim, a quatro léguas da quinta. Devia estar a chegar.

CONTINUA NO PRÓXIMO NUMERO)

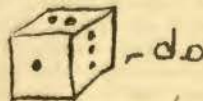
Enigmas

A

mentira



V.



-do

Maria Emilia

OBSERVAÇÃO: — O conto da nossa prezada colaboradora Mimi Grandela, safu no nosso penúltimo número sem a respectiva dedicatória a seu tio Francisco de Almêda Grandela. Que a sua autora nos releve o involuntário lapso.

HORA DE RECREIO

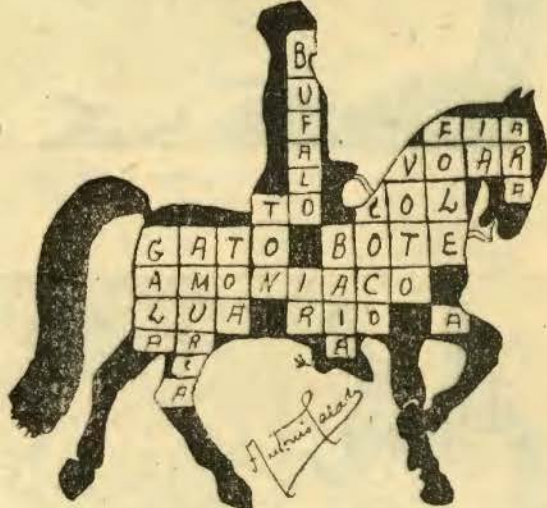
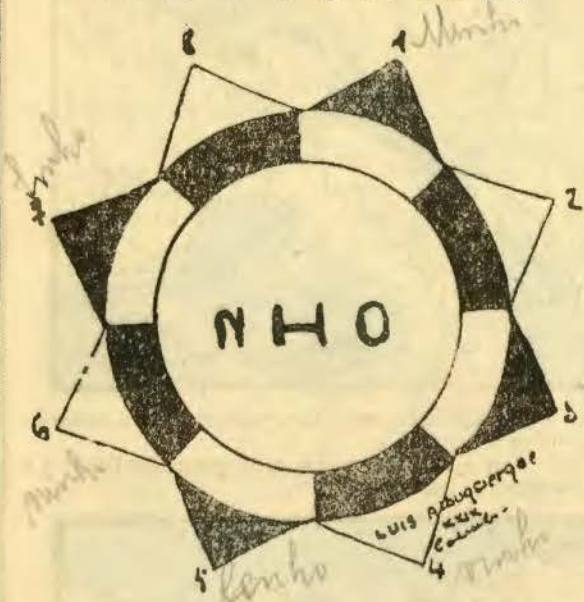
A DIVINHA

Solução das adivinhas anteriores

- 1.ª—Monte Carveiro (Falal) 2.ª—Cedros (Falal) 3.ª—Ilha do Bo (S. Antão) 4.ª—Canal das Hóias (S. Tomé) 5.ª—Brava (Cabo Verde) 6.ª—Malo (Cabo Verde) 7.ª—Formosa (Guiné) 8.ª—Gata (Es panha) 9.ª—Rio da Prata 10.ª—Porto Rico 11.ª—Lago Urso 12.ª—Cuba 13.ª—Atalata 14.ª—Olivais 15.ª—Praia (do Ribatejo).

Palavras cruzadas

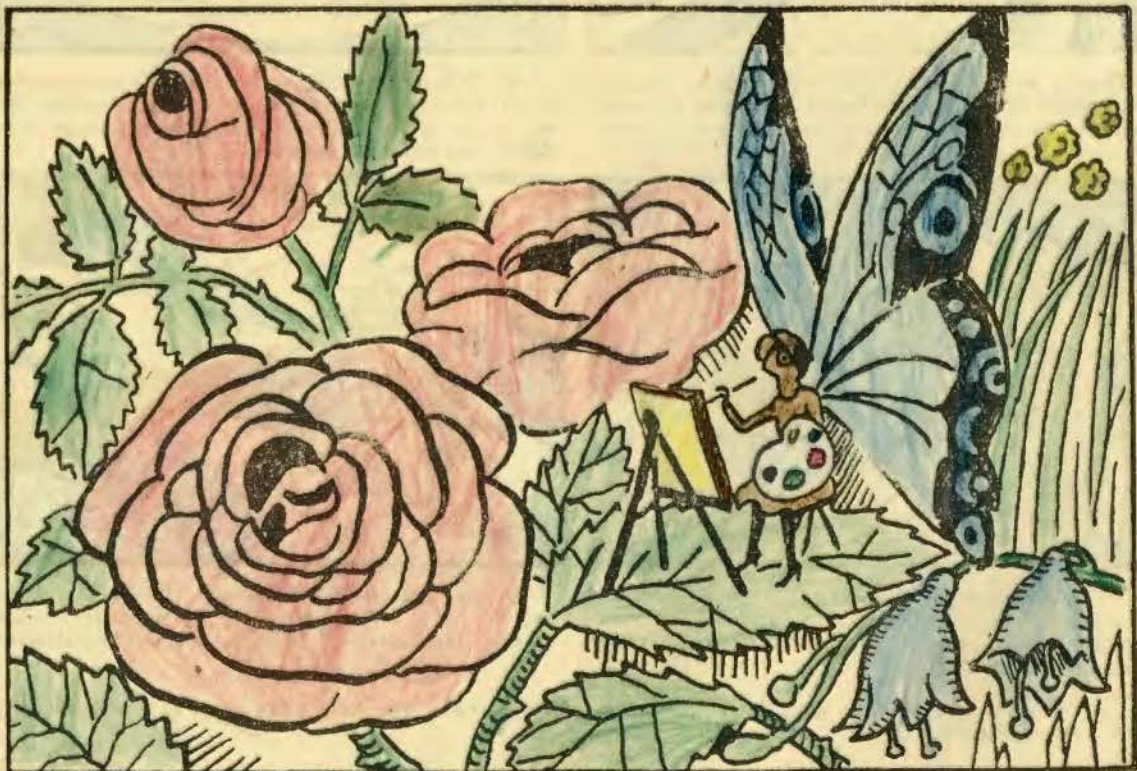
(Solução do problema o cavaleiro)



Juntar uma sílaba a cada ponta da estrela de forma a que, com a terminação NHO, se encontrem palavras com a seguinte significação:

- 1.ª—Provincia de Portugal 2.ª—Menino 3.ª—Pano 4.ª—Sumo da uva 5.ª—Golpe 6.ª—Berço de ave 7.ª—Fantasia 8.ª—Imersão.

PARA OS MENINOS COLORIREM



Aventuras de PIM, PAM e PUM

por **Casalié**

(Continuado do número anterior)



1—Acendi a minha lâmpada eléctrica e vi um enorme morcego que fugia deslumbrado pela luz, para não voltar mais. No dia seguinte foi quando os encontrei.



2—Nêste momento um violento movimento de translação abalou a gruta.

Pim, Pam e Pum deram um grito quási simultâneo e o doutor bradou: Um terramoto!...



3—Depois, pedras, terra e água envolveram-se durante alguns minutos. Quando os três heróis e o doutor voltaram a si, viram, com surpresa, que estavam sobre o submarino.



4—O terramoto tinha-o desencilhado e ao transformar a configuração da gruta, colocou os quatro amigos sobre o seu dorso, milagrosamente, Pim, Pam e Pum pediram ao doutor que os levasse a Lisboa...



5—E o doutor assim fez, desembarcando-os no Terreiro do Paço e prometendo que voltaria a buscá-los qua'quer dia. Mas a família dos nossos três «gabitús» estava furiosa e quando entraram em casa...



6—preguntaram-lhes indignados: Onde é que estiveram?—Então o Pim lembrou-se de responder:—Estivemos no «foot baal»!—E foram perdoados imediatamente.

Deixemo-los descansar por agora dos perigos passados e esperemos que o dr. Urandizaga os venha buscar para tentarem novas aventuras.

F I M